

Pedro Siqueira

Autor de **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA**

Senhora  
das  
águas

A maior provação da sua  
vida pode se transformar  
na maior bênção



SEXTANTE

*Para minha esposa, Natália, com amor.*



“Compreendi que tudo o que  
Deus fez dura para sempre. A isso nada se pode  
acrescentar, e disso nada se pode tirar.  
Deus fez assim para ser temido.”

(ECLESIASTES 3, 14)

## CAPÍTULO I



# *Viagem*

O trem corria como uma lebre em direção ao pé da cordilheira. Devido ao isolamento acústico, reinava o silêncio dentro do vagão, fazendo crer que ele flutuava sobre os trilhos. O mundo passava suavemente pela janela, como em um telão de filme, apesar da alta velocidade. Os viajantes pareciam estar acostumados e não davam muita atenção à paisagem, preferindo notebooks ou livros. Os que tinham companhia conversavam animadamente.

No vagão de número 15, estava meu grupo, que transformava o veículo francês num pedaço do Brasil. Basicamente, eram pessoas muito mais ligadas à vida espiritual do que eu. Católicos praticantes, de longa caminhada, daqueles que participam das orações e missas de corpo e alma. Sentia-me um tanto deslocada no meio deles.

– Logo no dia que a conheci, aqui na viagem, reparei que seus olhos são muito tristes. Você é muito bonita e simpática, mas os olhos... Não sei – disse a senhora que se sentava à mesma mesa que eu, na poltrona de dois lugares diante de mim.

Gaúcha, ela tinha uns 70 anos e falava com forte sotaque. Era uma pessoa carinhosa.

– Não sei do que você está falando, Teresa. Nunca me disseram nada do tipo. Estou me sentindo muito bem aqui com o grupo. Vocês todos são agradáveis.

Eu me remexi no assento, me empertigando. Ficara desconfortável com o comentário.

– Estava lendo uma coisa aqui na minha Bíblia, sabe? De repente, me veio a ideia de ler em voz alta para você! Talvez seja um recado de Deus ao seu coração.

Eu já havia percebido esse hábito em algumas mulheres do grupo. Elas diziam que era algo corriqueiro na Renovação Carismática Católica. Olhei um tanto descrente para Teresa, mas não queria ofendê-la, então sinalizei para que ela prosseguisse, com um sorriso forçado.

– É o capítulo 9 do Livro da Sabedoria.

Ela abriu um sorriso luminoso, pigarreou um pouco, arrumou os óculos no nariz e continuou:

– “Quem pode conhecer a vontade de Deus? Quem pode imaginar o que o Senhor deseja? Os pensamentos dos mortais são tímidos e nossos raciocínios são falíveis, porque um corpo corruptível torna pesada a alma, e a tenda de terra oprime a mente pensativa. Com muito custo, podemos conhecer o que está na terra e com dificuldade encontramos o que está ao alcance da mão. Mas quem poderá investigar o que está no céu?”

Teresa se reclinou, pousando a Bíblia no colo, e deixou as mãos penderem ao lado das pernas.

Aquela passagem era um retrato do que me incomodava havia algum tempo. Imediatamente, minha respiração se acelerou. Eu estivera a olhar a paisagem, meditando sobre as desgraças que haviam se abatido sobre mim. Questionava por que a mente humana não conseguia alcançar os propósitos do destino. Por mais que eu tivesse planejado tudo, as coisas não tinham saído como desejava.

Como eu gostaria de ter explicações sobre todos os fatos dolorosos que haviam me sucedido nos anos, meses e dias anteriores! Ao investigar tudo, meu cérebro não conseguia nenhuma resposta satisfató-

ria. Vai ver era isso: a carne atrapalhava a visão espiritual... Continuei encarando Teresa em silêncio.

– Então, a passagem bíblica se enquadra no que você está vivendo agora, Gabriela?

Seu rosto estava sério. Ela me olhava fixamente por cima dos óculos pretos. Aguardava uma resposta e não desistiria tão fácil. Sabia que tinha dado um tiro no escuro e acertado a caça. Nem que apenas de raspão!

– Nas últimas quatro horas que passamos aqui no Eurostar, fiquei me perguntando: por que somos tão limitados em analisar nossas próprias vidas? – Embora isso não respondesse à pergunta dela, foi a coisa mais honesta que eu pude dizer.

– Esse lugar que vamos visitar daqui a poucas horas é mágico! Pode trazer um alívio definitivo para sua alma. O importante é que você não se prenda demais aos pensamentos. Deixe um pouco de lado o cérebro e preste atenção ao espírito.

Que conselho mais estranho... Meu rosto deve ter sofrido alguma contração inesperada, pois ela imediatamente começou a me explicar com mais calma:

– Se sua mente analisou tantas vezes a situação em que se encontra e não obteve sucesso, é hora de parar. Ela precisa de repouso. Agora a tarefa é do espírito. Algo que todos nós possuímos, mas usamos muito pouco! Ele pode entrar em contato com o divino que mora no seu coração e que habita também o lugar que vamos visitar. Dessa comunhão talvez venha a resposta. Tudo pode ser mudado na sua vida. Acredite.

Eu estava mordendo o lábio e, nesse momento, o torci, incrédula. Teresa não desistiu:

– Não sei qual é o seu problema, ou melhor, a sua dor, mas sei que tem solução. Tudo nesta vida tem solução, mesmo que dependa de um milagre. O milagre será a solução!

Sinceramente, queria acreditar em tudo o que ela me dizia. De qualquer forma, que outra saída eu tinha? Vinha lutando com todas

as armas que a ciência e a tecnologia podiam me oferecer. Até ali, só a espiritualidade não havia sido explorada por mim. Se o espírito era real ou não, naquele estágio da caminhada pouco importava. Situações dramáticas exigiam saídas drásticas.

Levantei-me e disse que ia ao vagão-restaurante. Ela sorriu e acenou com a cabeça. Eu queria ficar um pouco sozinha. Não que fosse de fugir dos meus problemas ou de debates mais profundos, já que sempre os enfrentara de peito aberto. Precisava, entretanto, de espaço para respirar e assimilar o novo.

Andando pelos vagões, veio forte em mim a lembrança dos dias anteriores em Paris, especialmente nossa ida à Rue du Bac. Fazia frio, mas o sol brilhava na belíssima cidade. O ônibus que levava nosso grupo parou na esquina mais próxima. Descemos e, em fila indiana, seguimos para o convento onde houvera aparições da Virgem Santa.

A entrada era tão discreta que passei direto, procurando por uma igreja ou algo semelhante. Miguel, nosso guia turístico, veio me buscar rindo e me indicou um portão comum pequeno. Logo que entrei, vi que os painéis nas paredes contavam um pouco da história do lugar. Detive-me uns minutos lá.

Ao fundo, estava a entrada para o convento. Lá, à direita, num grande salão, situava-se a capela. Lugar de bom gosto, sóbrio, com um belo altar. Emanava paz e harmonia, destoando da rua por onde tínhamos acabado de passar. Naquele local, a Virgem se encontrara com uma religiosa, Catarina Labouré.

Ao lado direito do altar, notei uma cadeira antiga mas bem conservada. Estava cercada por um cordão de isolamento. Ali, Nossa Senhora se sentara para conversar com a noviça santa. Observando a relíquia, podia ouvir ao longe meus pensamentos: seria aquela história verdadeira? Era possível que um espírito se materializasse a ponto de se acomodar em uma cadeira e acolher em seu colo a cabeça de uma freira?

Percebi a comoção que a cadeira havia produzido em nosso grupo de peregrinos. As pessoas partiram feito loucas em sua direção.

Fiquei estática, olhando. Não sabia bem o que fazer. A distância, via doze pessoas ajoelhadas em frente ao objeto. Lágrimas eram derramadas, mãos se erguiam em oração, lábios se moviam em súplicas inaudíveis aos ouvidos humanos.

– Se eu fosse você, pelo sim, pelo não, fazia igualzinho a eles... – sugeriu nosso guia, simpático e bonachão como sempre.

Virei-me para responder, mas ele já caminhava na direção oposta.

Na hora em que me ajoelhei, vieram à mente todas as dificuldades pelas quais estava passando. Um pensamento constante, podia-se dizer, era a preocupação número um. Nos últimos meses, vinha me angustiando o medo de morrer. Não sabia o que iria encontrar pela frente...

Rezei imediatamente uma Ave-Maria. Pela primeira vez, o final da oração chamou minha atenção: “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte”. Contive as lágrimas. Melhor confiar na história da cadeira e da aparição do que imaginar que não tinha nenhuma chance. Pedi que Maria estivesse comigo na hora da minha morte e que, de preferência, ela só ocorresse dali a muitos anos.

A hora da minha morte! Quando seria? Estaria muito próxima? Será que existia alguma chance de escapar? Como tinha pouco mais de 40 anos, nunca me preocupara com esse tema. Preferia continuar daquela maneira, mas não era possível.

Ao me levantar, virando-me em direção aos bancos laterais da igreja, deparei-me com o rosto alegre de Ana, outra senhora simpática da excursão. Como que por impulso, ou melhor, atraída pelo seu imenso sorriso, fiz algo que não me era comum: perguntei-lhe se era hábito dos católicos rezar pela própria morte.

Ela me respondeu positivamente. Disse que pedir por uma boa morte é uma prática tradicional da Igreja. Todos nós deveríamos estar preparados para um momento tão importante. Fiquei aliviada. Depois de alguns passos, todavia, me preocupei de novo: teria sido algum tipo de intuição minha? Senti medo. Estaria Nossa Senhora me avisando que a minha morte de fato se aproximava?

Naquela tarde, saí do Santuário da Medalha Milagrosa com emoções conflitantes: preocupação e esperança. Qual delas iria vencer o combate? Era o início de um caminho obscuro para mim, inexplorado. Embora minha vida nunca tenha sido um mar de rosas, não me sentira levada ao âmbito espiritual mesmo em meio às dificuldades.

Alcansei o vagão-restaurant e me sentei a uma mesa colada na janela, observando a bela paisagem do interior da França. Minha vida passava como um filme na minha mente. Do lado de fora, a chuva começou a cair, bem fina. Provavelmente o tempo esfriava, bem diferente da minha terra natal na mesma época do ano. A água tomava o vidro da janela do trem.

– Cristina, estou preocupado... Não estou vendo a menina! – exclamou meu pai, tenso, em minhas lembranças.

– Calma, Carlos! Com certeza ela está brincando aqui por perto na areia – minha mãe tentava apaziguá-lo.

– Levante-se e venha me ajudar a procurá-la – disse ele, estendendo a mão à mulher que estava sentada.

Segurando-a firme, ergueu-a de uma vez só.

– Meu Deus! Acho que a correnteza a está levando... Aquela figurinha que vai em direção ao alto-mar não é a Gabriela? – agora perguntava minha mãe.

Recordo-me de como ousava nadar desde pequenina. Fazia muita força para me manter à tona e puxar a água para avançar metros. Tudo parecia tão difícil... Minha cabeça era obrigada a pensar em cada movimento isoladamente e depois juntá-los para que a combinação funcionasse. Nada era automático!

Sem auxílio de boias. Coisa mais absurda! Aquilo era artificial demais para mim. Os peixes não as usavam. As outras crianças, um pouco maiores, aparentavam ser totalmente livres porque não tinham aquelas amarras nos braços! Eu queria ser igual... Livre e ágil!

Sentia bem de leve o sabor da tal liberdade no Posto Seis, em Copacabana, dentro do mar. Pena que não tinha forças para lutar con-



tra a correnteza e experimentá-la a fundo. Ir além do que os meus pequenos olhos negros podiam calcular. As águas insistiam em me vencer. Acabavam por me arrastar. Um dia, jurava para mim mesma, iria nadar até as ilhas que conseguia visualizar da areia. Ver a cidade lá de longe. Seria um grande triunfo.

Guardo a imagem do meu pai, esbaforido, com os olhos arregalados, avermelhados pela ação do sal e do vento contrário, dando braçadas ferozes, perfurando reduzidas ondas do mar em minha direção. Enquanto eu lutava para boiar, queria avisá-lo que não havia pressa. Eu estava bem, apesar de não ter fôlego para falar com ele e me manter na superfície ao mesmo tempo. Meu único problema era não conseguir voltar para a areia sozinha.

Suas mãos vigorosas me pegaram por baixo das axilas, apertando com tanta força que até doía, cobrindo meu corpo até as costelas. Não era doida de reclamar. Então, ele respirava fundo e, cuspidando um pouco de água, batia as pernas de modo frenético, como os jogadores de polo aquático, e me mandava enlaçar seu pescoço. Eu procurava ajudá-lo agitando as pernas rechonchudas.

Ele seguia nadando em estilo peito, comigo nas costas. Pendia um pouco para o lado esquerdo, provavelmente porque sua potência estava na braçada direita e sua cabeça pesava levemente para o lado oposto. Não se tratava de um bom nadador, mas estava dando certo. Eu adorava! Sabia que ficaria de castigo naquele dia, mas o preço era justo para tanta diversão! De maiô azul, na beira, minha mãe aguardava o resgate, de braços cruzados e expressão preocupada.

Na verdade, na maior parte do tempo, ela carregava aquele semblante. Por isso eu não me alterava. Era comum. Com o passar do tempo descobri que havia algo errado. Criança se habitua à mãe da forma como ela é. Às vezes me ocorria que as outras mães eram mais alegres. Depois deixava o pensamento de lado. Aquela era a minha. Bastava.

Na conjunção do mar com a areia, meu pai me colocou no colo e fez questão de sair comigo em seus braços. Eu, toda orgulhosa, olha-

va para as outras crianças, do alto do pescoço dele. Sentia-me membro da realeza. Ao perceber a missão cumprida, minha mãe nos deu as costas e foi se sentar, aliviada, na cadeira de praia.

– Acabou seu dia de praia, menina! Hoje de tarde você não vai a lugar nenhum. Está de castigo. Ah, não tem sorvete de sobremesa também! – avisou meu pai depois de alguns minutos, ainda tentando recuperar o fôlego, sentado na areia.

Pronto. Eu já esperava a punição. Era sempre a mesma coisa! Mesmo já conhecendo o desfecho de minha proeza aquática, não mudara de ideia. Valera o risco. Chateada com minha atitude, minha mãe me olhava com reprovação.

– Ouviu seu pai? Não tem discussão. Não adianta chorar. Não é a primeira vez que você nos desobedece dessa forma. Assim você vai matar seus pais do coração. Não podemos tirar os olhos nem um segundo de você, senão... lá vem!

Ela pôs a mão esquerda na testa em estilo dramático.

Depois, só deu tempo de eu ser secada e vestida, e logo fomos embora. Andávamos os três em direção ao apartamento. Caminhada de dez minutos. Após o banho, fiquei trancada no escritório de papai. Nada de televisão ou música. Bonecas, nem pensar! Era o castigo de praxe para a travessura da praia.

Sentada no canto, numa grande almofada azul, eu olhava pela janela que dava para a rua. Entediada, andava em círculos pelo pequeno cômodo, sem fazer barulho, para não atrair a ira de meus pais. Acabei parando em frente a uma imagem de madeira de 50 centímetros que ficava ao lado da escrivaninha de meu pai.

Segundo informação do próprio dono, era um anjo vestido de branco, com cabelos esvoaçantes, segurando com a mão direita a hóstia e, com a esquerda, um cálice. Não tinha asas. Talvez por isso eu me interessasse tanto pela figura. Na escola, todas as imagens anjélicas tinham asas! Seria aquele anjo do meu pai o único do tipo?

– Pai, por que seu anjo não tem asas? – perguntei certa vez durante o jantar.

– Bom... Quem disse que anjo tem asas, menina?

Como ele não esperava aquela pergunta, resolveu retribuir com outra. Não sabia bem o que dizer.

– A irmã Catarina. A madre gordinha que toma conta da gente.

Eu o olhei fixamente para ver sua reação. Ele apenas uniu as mãos e apoiou o queixo nelas. Entendi que o gesto me encorajava a falar mais.

– Lá no colégio, na entrada, perto da escada que a gente sobe para a sala de aula, tem duas imagens de anjos. Uma de cada lado. Um está de azul; o outro, de branco. Os dois têm asas. Aliás, é por isso que são anjos, não é?

Precisava dar uma resposta que fizesse sentido.

– Ora, Gabriela, ninguém viu um anjo de verdade! – Ele deu uma risadinha. – Acho que as pessoas colocam asas nos anjos para mostrar que são seres diferentes de nós! – retrucou meu pai, convencido de seu argumento.

– Pai, a irmã Catarina disse que alguns santos viam anjos de verdade! Eram com asas ou não? – questionei-o, com olhos inquisidores.

– Não sei nada sobre esses homens, minha filha. Nunca conheci nenhum santo pessoalmente, então como vou saber como é um anjo de verdade? Não sei nem se existem – concluiu, com a voz mais aguda. Ele tentava se desvencilhar daquele assunto desconfortável.

– Carlos! Isso é coisa que se diga para a menina? – interrompeu minha mãe, indignada. – Gabriela, está na hora de nos levantarmos da mesa. Seu pai precisa ler algumas coisas do trabalho para amanhã e você precisa dormir cedo para render bem na escola. Vamos! – ordenou, abanando as mãos e apontando o caminho a ser tomado.

O assunto estava encerrado e eu, insatisfeita.

Dez horas da noite, de volta ao presente, chequei o relógio na mesa de cabeceira. Estava exausta. Finalmente me encontrava sozinha no quarto do hotel, na cidade de Lourdes. Sem forças, coloquei a mala do jeito que deu no canto do quarto, perto da entrada do banheiro. Abri-a o suficiente para pescar lá dentro minha camisola azul. Após

me despir, atirando a roupa em cima da calefação, que estava abaixo da janela, me vesti aliviada. Desabei na cama e adormeci.

Acordei com um telefonema da recepcionista. Em um inglês com sotaque carregado, me comunicou que o grupo dos peregrinos brasileiros iria se reunir às oito horas no salão do segundo andar para o café da manhã. Sentei-me na cama com pouco ânimo. Que horas eram?

O relógio me disse: quinze para as sete. Tomei coragem e fui até o chuveiro. O banho parecia revigorar meus músculos maltratados pelo assento do trem e pelos dias de viagem. Por um bom tempo, deixei a água quente escorrer pelos ombros e pelas costas, numa massagem agradável. Quando me sequei e fui me vestir, percebi que o horário havia andado além do previsto. Precisava descer rápido, estava atrasada.

Após o café, subi ao quarto para escovar os dentes e buscar mais um casaco. A temperatura estava mais baixa do que eu esperava. Coloquei as luvas no bolso da calça. Sentia muito frio nas extremidades; provavelmente precisaria de mais proteção. As meias eram de lã, e o sapato preto, fechado. Estava pronta para descer e finalmente seguir ao tão falado santuário.

Ao pisar na calçada, estaquei. Tantas vezes pensara estar seguindo um caminho seguro na minha vida... Tudo conforme o planejado. Algo que poderia chamar de definitivo. Do nada, vinha um golpe para me mostrar o equívoco. Mesmo assim, teimosa, insistia no mesmo caminho. Caíra inúmeras vezes. Assim, fui seguindo. Quantos tombos mais seriam necessários até que viessem os passos firmes?

A brisa fria chegou amistosa, me acariciando. Minha visão foi se focando. Passei os dedos pelas pálpebras fechadas, comprimindo-as. A paisagem enfim apareceu bela, apesar do dia acinzentado. Meus movimentos foram retornando e eu me virei em direção ao rio Gave, que corria em ritmo constante à minha frente.

A música que ele produzia era prazerosa. O volume de suas águas, contudo, não impressionava. Já havia visto rios bem maiores em extensão, largura e profundidade. Sua cor era escura, talvez em função

das chuvas, que remexeram seu fundo. Todas as fotos dele, penduradas na entrada do hotel, o retratavam verde-esmeralda... Meus olhos o atravessaram e se perderam na grama e nas árvores que, de mesmo colorido, ao fundo, subiam pelas montanhas.

Aos pés dos Pirineus, as montanhas não se pareciam com as da minha cidade. No Rio de Janeiro, elas se encerravam praticamente junto ao mar, de forma dramática, abrupta... Ali, no sul da França, o ritmo tranquilo de cidade do interior e a formação rochosa harmônica em nada lembravam a loucura do meu dia a dia.

Respirei fundo e apertei o cachecol em volta do pescoço. Como o frio não diminuía, decidi dar passos maiores, mas, logo à frente, novamente parei. Indecisa, olhei para a calçada e a rua de paralelepípedos perpendicular. Mirei um pouco mais acima, com um suspiro. Será que valia a pena aquilo? Então, uma voz falou dentro do meu peito. Trazia um convite amistoso das águas que, ao se deslocarem à minha frente, impeliam-me para a caminhada, rumo ao desconhecido.

Podia parecer estúpido: um rio não tem voz. Será? Como, então, se comunicava comigo, dando-me forças para um mergulho no improvável? Uma ligação magnética, muito antiga, entre mim e a água, compartilhada por outros, eu acreditava, embora nunca os tivesse encontrado.

Minha mãe não era uma pessoa que praticava muito a religião. Havia sido batizada, feito primeira comunhão e se casado na Igreja Católica, mas não participava das missas de domingo. Só ia às de sétimo dia, Natal e Páscoa. Porém, detestava quando alguém falava mal das coisas sagradas ou do cristianismo.

Meu pai era cético. Não tinha nenhum interesse em religiões ou em debates metafísicos. Eu não sabia se ele acreditava em Deus. Acompanhava minha mãe nas missas em que ela ia, por educação e companheirismo. O anjo de madeira, que tanto chamara minha atenção quando menina, era de sua falecida mãe, por isso ele o guardava com todo o respeito e carinho. Não combinava em nada com o escritório, não era um enfeite. Devoção, nem pensar!

Minha avó paterna era muito religiosa. Participava da missa todos os dias de manhã. Bem cedo, colocava o véu negro sobre a cabeça e, empunhando a bengala de madeira, caminhava dois quarteirões até a igreja. Chegando lá, procurava um genuflexório e, com muita dificuldade, se punha a rezar. Dizia que sua primeira saudação do dia era para o Anjo de Portugal, conhecido pelas aparições em Fátima. A imagem de madeira do escritório do meu pai era sua representação.

Nosso apartamento continha pouquíssimos itens religiosos. Recordo-me, além do Anjo de Portugal, de uma cruz de madeira acima da cabeceira da cama dos meus pais e de uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, que ficava num móvel da sala, elegante no seu vestido branco, com a bela faixa azul na cintura e o rosário pendendo dos antebraços.

A mulher ali retratada parecia pertencer a uma família real. Eu, como toda menina, adorava isso! Perguntava à minha mãe de que reino aquela senhora era. Ela respondia que era da Jerusalém Celeste. Como eu queria ir até aquele lugar! Se as mulheres daquela corte eram tão elegantes e belas, era lá que eu queria viver. Mamãe não dava a menor bola. Apenas sorria de canto de boca.

Um dia, na escola, enquanto irmã Catarina me conduzia escada acima, resolvi assuntá-la a respeito do reino; afinal, eu precisava descobrir se aquela estátua de mamãe era de alguma princesa de lá. A irmã chorou de rir.

– Irmã Clara, venha cá! Você não imagina o que a Gabizinha acabou de me perguntar.

Vendo a satisfação da irmã, a outra freira se aproximou às pressas.

– Ela quer saber onde fica o reino chamado Jerusalém Celeste e quem é a princesa de lá.

As duas riram. Eu, quieta, fiquei observando, um pouco constrangida. Será que eu tinha falado alguma besteira? Minha mãe iria ficar muito chateada comigo ao descobrir... Pior: quando eu chegasse em casa, ela me colocaria de castigo.

– Querida, não é princesa, não. O reino existe de verdade, mas tem uma rainha. Chama-se Maria.

Meu Deus! Será que era aquela mulher que eu via lá em casa? Aquela senhora era mais do que uma princesa? E, ainda por cima, tinha o mesmo nome da minha coleguinha de classe... Tudo estava muito confuso na minha cabeça.

– Ah, Jerusalém Celeste é o reino para onde Deus vai levar os justos ao final de suas vidas. Todo mundo quer ir para lá, Gabizinha. Dizem que é o lugar mais belo que existe. Já imaginou? Morar lá, para sempre, com a rainha! – exclamou a irmã Clara, extasiada.

As duas me afagavam a cabeça.

– Posso ir também? Será que a rainha vai me querer lá? Tem menina da minha idade morando com ela?

Tantas dúvidas diante da nova descoberta... Mal podia imaginar que as dúvidas espirituais infantis retornariam tantos anos mais tarde, na mente da mulher madura.

## CAPÍTULO II



### *Anjo*

Nunca me emendei com os castigos recebidos. Mesmo com a certeza da punição, meu espírito me impulsionava adiante. A curiosidade e a vontade de me testar eram maiores do que o medo. Talvez por isso a água representava uma atração e um desafio irresistíveis. Não importavam as ameaças maternas e paternas. Sempre que possível, eu escapava da severa vigilância e me atirava no mar.

Apesar de ter por objetivo as ilhas avistadas da praia de Copacabana, sabia que, inicialmente, nadar para além da arrebentação e voltar para a areia sem auxílio de ninguém já seria um recorde pessoal. Quando tinha 6 anos, consegui meu intuito pela primeira vez. Percorri muitos metros, venci ondas mínimas e a correnteza. Olhei a distância. Tomei fôlego e voltei à praia.

Cheguei à areia ofegante. Muito cansada. Meus músculos estavam retesados. Não saí da água imediatamente. Precisava me recuperar um pouco. Fiquei sentada na parte úmida um tempo, olhando para minhas pernas finas, com a cabeça colada no peito. Joguei-a para trás e tentei aspirar todo o oxigênio possível.

Depois, observei as marolas que me tocavam os pés. Eles estavam bem enrugados por causa da água gelada. Eu estava muito satisfeita



por saber que meu pai não tinha interferido na aventura. Não o via, mas tinha quase certeza de que me observava de algum lugar estratégico. Ao levantar os olhos, me deparei com uma figura muito alta diante de mim.

Sua pele branca reluzia. Vestia uma túnica azul e dava a impressão de pisar na superfície do mar. Os pés não afundavam. Seus cabelos pareciam ser da mais pura e cristalina água e flutuavam com ele no espaço. Seu olhar era sereno e firme. Eu o encarei por três segundos. O suficiente para nunca mais esquecer sua face. Girei rápido para correr em direção à minha mãe. Queria que ela visse aquele homem.

Com passadas rápidas na areia fofa, braços agitados à frente, respiração acelerada pela excitação, meu pique era tão atrapalhado que caí por cima de suas pernas, jogando areia nas suas amigas. Ela ficou brava comigo. Nem fez menção de me levantar do chão.

– Que falta de educação é essa, Gabriela? – questionou, reclinando-se na cadeira.

– Mãe, o homem que estava agorinha na minha frente tem mais de 2 metros e anda sobre a água! – gritei, apontando para onde eu tinha estado.

Minha mãe não sabia onde enfiar a cara. As amigas assistiam à cena em silêncio. Umas achando graça, outras mais sérias, pensando que eu apenas queria chamar a atenção de minha mãe, como uma criança mimada. Algumas cabeças curiosas se voltaram para o local indicado pela mãozinha morena. Ninguém vira nada.

Meu pai, que fumava um cigarro à beira-mar e estava de olho em mim o tempo todo, aproximou-se para resolver o problema. Pediu licença às mulheres e me colocou no colo, convidando-me para retornar ao mar com ele.

– Quero ver o tal homem gigante, filha – disse, fingindo seriedade.

– Então corre, pai! Senão ele vai embora! – respondi, aflita.

Chegamos ao local exato onde o fato tinha ocorrido. Sem ver homem nenhum, meu pai sentou-se na beira d'água ao meu lado. As marolas tocavam nossos corpos. Coloquei minha pequena mão es-

querda na testa, para, como uma viseira, bloquear o sol, enquanto procurava pelo sujeito. Um minuto se passou e não o localizei.

– Pai, acho que ele sumiu... Talvez tenha flutuado para o céu. Ou, então, foi embora por baixo da água mesmo – comentei, desolada.

– Minha filha, é muito feio inventar histórias desse tipo. Especialmente falar bobagens perto das pessoas mais velhas. Assim você coloca sua mãe numa situação muito ruim diante das amigas. Não pode! Você entende? – perguntou ele, paciente.

– Pai, é tudo verdade! Ele me encarou com aqueles olhos azuis pequenos... Era muito grande. Vestido de azul. Nariz apontando para baixo... assim, ó! Tinha lábios cor de rosa, bem fininhos. Estava em pé sobre o mar, mas não estava molhado... Não sei para onde ele foi! Também não ia ficar aqui parado em cima da água esperando você chegar!

Cruzei os braços, emburrada.

– Tudo bem, vamos esquecer isso. Nunca mais faça ou diga algo parecido para a sua mãe, entendido? – perguntou ele, mais relaxado.

– Entendido – respondi, muito a contragosto.

Sabia que era uma promessa que não seria cumprida. Por ora, todavia, estava derrotada.

Nós nos levantamos. Ele me deu a mão e começamos a caminhar na areia mais dura. Meu pai ainda estava de bom humor, apesar de tudo. Seu interesse por mim era genuíno. Parecia mesmo se divertir com as diabruras da filha. Já eu queria dar a impressão de que tudo estava esquecido, evitar conflitos com minha mãe, que não levava as coisas na esportiva.

– Você parece um peixe dentro da água. Nada veloz mesmo, menina! Já falei com a sua mãe: amanhã, antes de ir ao trabalho, vou levar você ao Fluminense, para a escolinha de natação do clube – avisou, sorrindo.

– Vou adorar! Muito obrigada, pai! – gritei, saltando de alegria.

Por essa eu não esperava. Era um sonho: nadar no Fluminense! Quem sabe, depois de algum tempo, eu não conseguiria nadar até as ilhas?

Nunca mais vi aquela figura gigantesca que trajava azul e pairava sobre o mar de Copacabana. Sentia, contudo, que sua presença era constante no início da minha vida. Algo que se erguia por sobre meu ombro direito, trazendo uma atmosfera de paz, onde quer que eu estivesse. Durante as manhãs de competição, antes de entrar na piscina, pedia mentalmente que ele me ajudasse.

Por tanto admirar a imagem do Anjo de Portugal, concluí que o homem descomunal era também um anjo. Com o passar do tempo, pouco importava se ambos não tinham asas. Como diria meu pai, eu jamais havia encontrado um sujeito que tivesse visto um, face a face, para tirar a dúvida.

As freiras do colégio nos diziam insistentemente que era importante rezar pela manhã, ao acordar, e também à noite, antes de dormir. Ensinarão-nos o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Aprendi também a oração do Santo Anjo da Guarda. Não entendia muito bem quem ele era. Todos os dias, quando a recitava, pensava nos dois anjos que conhecia. Era possível uma criança ter dois anjos da guarda?

Eu me destacava na nataçãõ. Treinava com afinco e adorava competir. Quando completei 10 anos, participei de uma travessia na baía de Guanabara. Meus pais estavam um pouco apreensivos, achavam que não era coisa para uma menina. Eu estava muito excitada por poder participar da prova com outras amigas. Além do mais, era a maior piscina natural que já tinha visto!

Os responsáveis pela equipe do Fluminense nos disseram que a profundidade máxima do local da prova podia atingir algo próximo a 20 metros. Nossa! A piscina em que eu treinava só chegava a 2 metros... De tanta excitação, eu não conseguira dormir direito na semana anterior à competição. Sonhava em ver baleias, tubarões e peixes ao meu redor enquanto nadava.

– Já pensou, pai, uma baleia bem grande do meu lado? Você já viu alguma de verdade?

– Sim. Certa vez, em Cabo Frio, quando saí de barco para uma pescaria com amigos. O vento estava muito frio e o mar era gelado. Con-

seguimos pescar alguns peixes. De repente, vi um jato d'água subir do mar, levei um susto! Aí, ela colocou a cabeça para fora e se projetou para a direita, levantando uma onda – descreveu ele, gesticulando.

– Pai, você não pulou na água para nadar com ela? Você sabia que as baleias falam uma língua e são amistosas? Vai ver ela estava fazendo um convite para vocês. Poderia querer companhia para o nado...

Ele caiu na gargalhada.

– Filha, sinceramente, acho que a baleia tinha outros amigos bem maiores do que eu... Pelo que sei, não costumam nadar sozinhas. Alguns pesquisadores têm dito que as baleias se comunicam através de sons, mas não aprendi a falar a língua delas ainda.

Ele me olhou com carinho e afagou por um tempo meus cabelos lisos e negros que escorriam pelos ombros.

– Será que vou ter a chance de ver alguma durante a travessia? – perguntei, séria.

– Não, querida, me parece que não. A baía de Guanabara não é exatamente o mar aberto. Peixes, sim. Mas você não vai ter tempo de olhar os bichos, vai estar concentrada nos seus adversários. – respondeu, ainda me acariciando.

– Na hora eu vejo! A prova é longa. Dá para me distrair um pouco enquanto tomo fôlego.

Olhei para ele e percebi novos fios de cabelo branco e marcas de expressão em sua testa vermelha, pois ele abusava do sol.

Meu pai percebia que eu estava crescendo. Tratava-me com muito carinho, mas fazia questão de me mostrar que eu me tornava uma mocinha. Conversávamos sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre os meninos do colégio. Tinha muita paciência comigo e dizia que eu era muito bonita. Sentia-me desengonçada e envergonhada pelo corpo em modificação.

Quando ia a alguma festa, ou mesmo colocava o uniforme para os dias de competição, eu perguntava logo a opinião do meu pai. Ele tinha bom gosto e era sóbrio. Não queria parecer “perua” como a minha mãe, sempre enfeitada. Claro que eu desejava estar bela, mas

sem exageros. Entretanto, perdia muito tempo com o meu cabelo. Pensava até em mudá-lo, pois algumas meninas que competiam comigo o usavam curto, por ser mais fácil de colocar a touca. Mas meu pai dizia que gostava dele daquele jeito, então eu deixava.

– Acho que deveríamos proibi-la – ouvi minha mãe falando por detrás da porta do quarto. – É perigoso. Ela não entende o risco porque é muito menina.

– Vejo nos olhos dela que a vontade de participar é genuína, meu amor. Ela adora competir! Além disso, todas as amigas vão participar. Gabriela tem essa característica forte: é muito corajosa. Não vou ser o único pai medroso... – respondeu meu pai, um pouco irritado.

– Isso é coisa para homem, Carlos. Acho que eu deveria ter dado um filho para você. Essa garota é desse jeito por sua causa. Essa coisa de incentivá-la a encarar desafios e se meter em aventuras... Veja o corpo dela! É forte demais para a idade! – replicou minha mãe em voz baixa mas bastante firme.

– Cristina, o corpo da menina é ótimo. Ela já está quase do seu tamanho. É bem feminina. Tem um rosto lindo, parecido com o seu. A coragem para enfrentar o mundo é que não veio de você! – exclamou meu pai, mais agressivo.

– Mulher é coisa delicada, Carlos. Você quer que ela se porte como um menino! Está errado. Por que não cortamos essa história de nataçã e travessias? Ela deveria estar no balé clássico!

– Espere um instante! Você sabe que eu tentei. Levei nossa filha ao balé. Ela até achou bonito, mas disse que não podia perder os treinos da nataçã.

– As filhas das minhas amigas são tão mais delicadas...

Minha mãe deu um sonoro suspiro de cansaçõ.

– Não venha com essa conversa ridícula! Cada ser humano é diferente. Você já reparou quantas meninas fazem parte da equipe do Fluminense? Como elas são bondosas e bonitas? Que besteira! – meu pai elevou a voz.

– Com ombros muito largos, Carlos! Quer saber? Faça como você achar melhor, então!

A porta do banheiro da suíte bateu. A conversa estava encerrada. Preferi não entrar lá. Fui ver televisão. Não gostava de não ser bem aceita pela minha mãe, mas sabia que não fazia sentido debater sobre minha vida esportiva naquela hora. Eu queria muito competir e poderia pôr tudo a perder.

Num domingo de sol, bem cedo, foi dada a partida. A água era tão escura que não dava para enxergar nada! Precisava tirar a cabeça no momento da respiração para poder olhar e, mesmo assim, no início da competição, era muito difícil identificar a direção que eu estava tomando. Era uma mistura de pernadas e braçadas, todos muito próximos uns dos outros.

Estranhei um pouco. Estava acostumada a nadar entre raias, sem marolas. Percebi que precisava me distanciar do bolo de gente. Acelerei bastante e fui me desvencilhando dos demais. Consegui um espaço mais sossegado. Pude desenvolver meu ritmo de braçadas. As pernadas eram mais esporádicas, apenas para manter meu quadril o mais perto possível da superfície.

Em determinado momento, me senti estranhamente acompanhada. Quando respirei para o lado esquerdo, erguendo um pouco a cabeça, vi golfinhos que nadavam próximos. Meu coração disparou. Não pude conter o riso. Perdi a sincronia das respirações e acabei bebendo um pouco de água. Demorei alguns segundos para voltar ao normal!

Contei pelo menos cinco golfinhos. Eram cinzentos e davam saltos, passando uns por cima dos outros. Pareciam muito felizes. Minha alegria era tanta que meus braços e pernas ficaram mais leves! Minhas costas, sobrecarregadas com o esforço físico, relaxaram. A euforia tomou conta do meu corpo, meu nado parecia render muito mais.

Que presente! Era minha estreia naquele tipo de competição e eu estava no paraíso. Adorava vê-los na TV. Era fã do Flipper. Meu

prêmio estava garantido! Mesmo em meio à chuva fina e ao frio do sul da França, bem mais velha, com todos os problemas na cabeça, eu ainda conseguia sentir o sabor salgado do prazer que vivenciara na infância.

O show que os golfinhos me proporcionavam durou por algum tempo. Em certo momento, bem no meio deles, meus olhos pareceram avistar... uma sereia! Bebi mais um tanto de água. A garganta chegava a arder de tanto sal. Precisei parar um pouco para respirar. Dois nadadores me ultrapassaram. Olhei de novo e não vi mais nada. Prossegui. Cheguei entre os dez primeiros.

– Minha filha, você foi muito bem para sua primeira travessia! Está muito cansada?

Na areia, de bermuda cáqui e camiseta branca, meu pai me abraçava enquanto eu saía da água.

– Pai, não me sequei ainda! Você vai ficar todo molhado e amassado!

– Estou muito orgulhoso. Cheguei a pensar...

Ele se interrompeu rapidamente.

– Sei... Você achou que, por ser menina, eu não conseguiria completar o percurso ou terminaria nos últimos lugares! Olha, tem muito garoto que ficou para trás! – respondi, toda orgulhosa.

– Verdade! Não era isso que eu ia dizer, não... Você é minha campeã desde que usava fraldas!

– Olha, nadei com alguns golfinhos na baía hoje! – disse com um sorriso aberto.

– Sério? Que legal! Ouvi alguns meninos comentarem aqui na areia com os pais que a baía estava repleta de golfinhos. Eram bonitos?

– Muito. Adorei, pai! Eles acompanhavam meu ritmo direitinho. Eram acinzentados e davam saltos ao meu lado, sem me atrapalhar. Acho que gostaram de mim!

Soltei uma gargalhada.

– Viu só? E você fez mais do que eu naquela história da baleia em Cabo Frio. Eu não pulei na água, tive medo – falou ele, rindo.

– Tem outra coisa, pai... No meio deles, vi uma sereia. Bem, pelo menos acho que vi...

– Quê?! Haja criatividade. Misturar golfinhos com sereias! Os golfinhos, tudo bem, há testemunhas, mas sereias?! É brincadeira, né, Gabriela? Olha: você não tem mais idade para isso.

Ele deu um sorrisinho.

– Não, pai! Quer dizer... Não sei bem... Eu estava nadando com os golfinhos e, numa das respirações, percebi aquela mulher no meio deles... Pele muito branca, cabelos negros, com alguma coisa cobrindo-os, olhos azuis penetrantes e um sorriso diferente! Só vi a cabeça dela saindo da água. Pelo que sei, só pode ser uma sereia!

Eu estava muito confusa e ele ficou em silêncio.

– A única coisa que me pareceu estranha – continuei –, além da pele branca que brilhava, é que eu podia ver através dela. Um fantasma de sereia?

– Fantasma de sereia?! É a primeira vez que ouço um troço assim! Melhor acabar com esse papo. Vamos lá, se seque. Essa sua paixão pelas águas está deixando você um pouco fora dos eixos! Até sereias anda vendo... Vai ver você nasceu de uma! – brincou meu pai.

Ao entrar em casa, encontrei minha mãe, que havia retornado logo após a largada. Ela não quisera ver a prova, pois não concordava com aquilo, e agora me esperava ansiosa. Abraçou-me e disse friamente não ter dúvidas do meu sucesso. Fingi acreditar. Conte a história dos golfinhos e acrescentei a da sereia, para desespero de meu pai.

– Só falta você dizer que é uma ondina! – exclamou minha mãe, sem perder a pose, sem reagir da forma drástica que meu pai esperava.

– Quem? – respondemos, em coro, eu e meu pai.

– Não conhecem? Ondinas, seres da mitologia germânica. Elementais da água. Detinham o poder de controlar as ondas e as marés. Acompanhavam os marinheiros nas viagens. Eles as avistavam dos barcos. Alguns, encantados com sua beleza, atiravam-se no mar e se perdiam. Vai ver é por isso que você aprendeu a nadar praticamen-



te sozinha e com 4 anos já não usava boias na piscina ou na praia. Quanta ignorância! – concluiu minha mãe, perdendo a paciência.

– Quer saber? Talvez seja isso mesmo, mãe! Ela me acompanhava como se eu fosse um marinheiro. Legal saber que eu também vi uma sereia! Pensei que vivessem só nos contos de fadas, mas elas existem! – exclamei, exultante, do alto da minha sabedoria pré-adolescente.

– É... Agora não falta mais nada – disse minha mãe, suspirando.  
– Talvez seja o caso de levar você para uma das minhas colegas de faculdade. Uma análise faria bem... – acrescentou, séria.

– Calma, querida. Essa menina tem imaginação fértil. Desde pequena vem com essas histórias de visões... Fantasmas, anjos, sereias. Ah, faltaram os extraterrestres! – falou meu pai em tom zombeteiro, tentando desviar a atenção da mulher.

– Bem, meu amor, não é a primeira vez que ouvimos histórias mitológicas dessa mocinha. Nem no meu curso de psicologia eu tive contato com tantas! Deve ser algo comum entre as meninas de hoje, com tantos filmes bobos para adolescentes e contos de fadas.

Meu pai não estava apreciando o rumo da conversa e lhe lançou um olhar severo. Ela não gostou da ousadia do marido. Quem mandava lá era ela!

Ela fuzilou o marido com os olhos e continuou:

– Agora me lembro do dia em que a sua mãe disse que vira Nossa Senhora de Lourdes em pé no sofá da sala dela enquanto rezava o rosário. Lembra? A mania dessa menina pode ter sido herdada.

– Mas aí é diferente! Nossa Senhora de Lourdes não é um ser da mitologia grega ou germânica nem matéria inútil da sua faculdade de psicologia.

– É visão do mesmo jeito! Ou será que você já viu um desses seres? Aliás, não sabia que você acreditava em Nossa Senhora de Lourdes – provocou minha mãe, com um sorriso desdenhoso.

– Claro que não acredito! Tudo não passa de fantasia. Minha mãe, que Deus a tenha, era uma carola, por isso seu inconsciente pregava essas peças. Coitada... Ela viu a tal Virgem porque precisava muito de

consolo naquele momento. Meu pai tinha acabado de morrer. Óbvio que não houve nenhuma aparição, ainda mais no sofá! Você puxa uns assuntos sem sentido...

Ele deu um tapa no ar, demonstrando que estava indignado, e lhe deu as costas.

– Mãe, não sabia que a vovó também podia ver coisas que vocês não conseguem! Pena que ela já morreu... Gostaria de conversar com ela sobre essa tal Nossa Senhora – afirmei, toda interessada.

Mal podia prever que, depois de tantos anos, mulher feita, eu estaria dentro da casa da própria.

– Chega! Vai para o banho, garota! Carlos, vá se arrumar! Estamos atrasados para o almoço com minhas primas. Temos que chegar a São Conrado no máximo às duas – encerrou minha mãe com a cara fechada.

Por conta da atitude descrente e nada receptiva dos meus pais, nunca mais falei sobre anjos com eles. Ondinas ou sereias eram assunto proibido também. Não queria causar nenhum tipo de constrangimento na minha família. Não gostava de vê-los brigar, especialmente se o motivo fosse eu. Melhor o silêncio.

Quando ingressei na faculdade de psicologia, precisei abandonar o esporte. Eu, que treinava de segunda a sexta em dois turnos, passei a nadar apenas três vezes por semana, bem cedo, antes das aulas, para manter a forma física. Foi uma mudança e tanto! Como eu sentia falta da água...

Durante minha graduação, passei a reavaliar muitas das minhas crenças dos tempos de infância e adolescência, mesmo porque as visões não aconteceram mais. O evento da praia de Copacabana, por sua vez, permanecia nítido na minha memória, mas achei melhor negá-lo! Poderia ser coisa de uma mente fértil e infantil, além do efeito do cansaço físico.

A visão da ondina em plena baía de Guanabara tinha ocorrido anos mais tarde. Também não havia uma explicação plausível para aquilo. Resultado: coloquei-a no mesmo compartimento do anjo

azul da praia. Talvez fosse a sequência de respirações atrapalhadas pelas ondas e o esforço da travessia aquática. Ou então, encantada com os golfinhos, acabara ativando minha imaginação pré-adolescente e vendo também um belo ser mitológico. Toda menina adora uma sereia!

Para minha surpresa, uma das matérias que precisei cursar na faculdade era mitologia. Naquele semestre, fui selecionada pelo professor para fazer um trabalho sobre a mitologia germânica. Na hora sugeri o tema: ondinas. Ele adorou. Fechei a matéria com nota 10. Pelo menos, minha experiência e a indignação da minha mãe me renderam uma bela vitória.

Em minhas pesquisas, descobri que, ao longo dos séculos, muita gente alegava ter visto tais seres. Alguns em alto-mar, outros em lagos, riachos ou quedas-d'água. Porém, as gravuras dos livros não se pareciam em nada com aquilo que estava na minha memória.

Com o passar do tempo, eu me desliguei dos assuntos metafísicos. Anjos e sereias ficaram de vez no passado. Até as orações ao anjo da guarda não ocorriam mais. Estava mais interessada nas emoções humanas. Começava a vivenciar um novo mundo. Fazia estágio na universidade, no consultório de psicologia, atendendo pessoas de uma comunidade carente. Ao mesmo tempo, frequentava minhas sessões de psicanálise. Como meu pai, me afastei de tudo que remetia a religiosidade.

## INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA SEXTANTE,  
visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)



[facebook.com/esextante](https://facebook.com/esextante)



[twitter.com/sextante](https://twitter.com/sextante)



[instagram.com/editorasextante](https://instagram.com/editorasextante)



[skoob.com.br/sextante](http://skoob.com.br/sextante)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)

Editora Sextante  
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil  
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)